

DA. ZALINA ROLIM: NOTAS BIOBIBLIOGRAFICAS

I — Sôbre a vida

Da. Zalina Rolim descende de famílias importantes no cenário paulista: Rolim, Oliveira, Aires, Amaral Gurgel, Ribas.

O pai da poetisa foi o Dr. José Rolim de Oliveira Aires, magistrado. Por ocasião de seu falecimento, em São Paulo, a 14 de janeiro de 1896, ocupava o alto cargo de Ministro do Tribunal de Justiça. Era primo-irmão de Venâncio Aires.

A mãe da poetisa foi a Exma. Sra. Da. Maria Cândida do Amaral Rolim, filha do Dr. José do Amaral Gurgel e Da. Clementina Ribas do Amaral, de Ponta Grossa, Estado do Paraná.

Do casamento nasceram quatro filhas. Entre elas, Zalina.

O nascimento da poetisa deu-se em Botucatu, Estado de São Paulo, a 20 de julho de 1867. O batizado foi na mesma cidade, e a menina teve como padrinho, o tio paterno Paulino Aires Aguirre, residente em Itapetininga, e que, não podendo comparecer ao ato, se fêz representar por pessoa amiga.

O nome completo da poetisa veio a ser, após o casamento, Maria Zalina Rolim Xavier de Toledo. No batizado tomou, apenas o nome de Maria. Deveria, porém, chamar-se Maria do Rosário. De Rosário, passou-se a Rosalina e Zalina. Rolim é cognome do pai. Xavier de Toledo, o do futuro espôso.

Acompanhando o pai, Juiz de Direito que escalava, um a um, os cargos da magistratura, passou infância e mocidade saudabilíssimas, nas cidades do Interior do seu Estado natal: Botucatu, Itapetininga, Faxina (hoje Itapeva), Sorocaba, Araquara, São Roque, Itu.

Depois de Botucatu, viveu, até aos seis anos (1873), em Itapetininga. Até os nove (1876), em Faxina. Até os doze (1879), em Sorocaba, em companhia da sua avó materna, Da. Clementina Ribas do Amaral. Aos treze (1880), está, de nôvo,

em Faxina, na casa de seus pais. Aos catorze (1881) reside, por um ano, em Araraquara (1).

Quanto ao tempo da sua estada em São Roque, temos dúvida. Mas, levando em consideração dois pontos, cremos que lá deve ter vivido cêrca de oito anos: 1) Ezequiel Freire, visitando, em São Roque, em outubro de 1887, a família da poetisa, transcreve, desta, o sonêto "Hora Nostálgica", datado também de outubro de 1887 (2); 2) levando-se em conta que os magistrados costumavam parar o tempo de quatro anos em cada função nova, bem pode ter acontecido que o Dr. José Rolim de Oliveira Aires tivesse permanecido, em São Roque, dois quatriênios. Assim, conciliando-se as datas, teríamos que a poetisa deveria ter vivido oito anos, dos quinze aos vinte e dois (de 1882 a 1889), na cidade de São Roque.

Desta localidade, passa a residir, por quatro anos, dos vinte e três aos vinte e sete (de 1890 a 1893), na cidade de Itu.

Nomeado, seu pai, Juiz, em São Paulo, a poetisa acompanha a família. Entra na capital, em 1894, e daqui nunca mais sairá.

Em 1896, falece-lhe o pai. Neste ano, foi a poetisa nomeada Auxiliar da Diretora do Jardim da Infância, instituição que, no tempo, se fundava. Gabriel Prestes era, na ocasião, Diretor da Escola Normal da Praça da República. A sua nomeação veio da parte de Bernardino de Campos, que, na Academia de Direito, fôra colega de turma do pai da poetisa. Não foi nomeada para a Direção do Jardim, porque não possuía diploma de professôra.

Ensinou, aí, quatro anos, de 1896 a 1900. Sua atribuição era, durante uma hora diária, a de conviver com as crianças, sôbre as quais influiu, através de conversas, de versos, de historietas. Para isto, improvisava e estudava, compunha e traduzia: começou por onde pouquíssimos acabam.

(1) — Segundo os dados fornecidos pela própria poetisa, numa visita que eu, minha espôsa e Da. Auta Rolim lhe fizemos, às quinze horas e meia do dia 1.º de outubro de 1954, na sua residência, na cidade de São Paulo, à Avenida Angélica, 543.

(2) — Ezequiel Freire, "Livro póstumo". São Paulo, Welszflog Irmãos, 1910, "Na roça", páginas 322 e 323.

Em 1900, deixa o Jardim de Infância, para casar-se, a 12 de março, com o Dr. José Xavier de Toledo, filho do Cel. Xavier de Toledo, o mesmo que dá nome a uma das ruas mais centrais de São Paulo. O Dr. José Xavier de Toledo foi promotor da Capital. Quando de seu falecimento, em 15 de dezembro de 1918, ocupava o cargo de Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo. A poetisa tem versos dedicados ao espôso.

Dêste casamento, houve apenas um filho, que, infelizmente, morreu ao nascer. Seria, para a mãe, mais um motivo de ternura, de aprofundamento de humanidade, de maternalidade, já reveladas nos versos para as crianças do Jardim da Infância, e nos dedicados ao seu sobrinho, único e dileto, Mário Rolim Teles, que figuram no “Coração”, sobrinho que, aos dois anos de sua idade, viera residir na casa dos pais da poetisa.

Após a morte do espôso, Da. Zelina Rolim se afastou da sociedade e das letras, numa religiosíssima renúncia, difícil de vencer.

Isolada, mas não esquecida, com a idade veneranda de oitenta e sete anos, vive, lucidíssima, na cidade de São Paulo.

II — Sôbre a formação cultural e literária

Da. Zalina Rolim, praticamente, não fêz curso primário, secundário ou superior: tudo que sabe, deve, principalmente, ao pai e a si mesma.

“Pai solícito, seguindo a sua árdua carreira nas ignaras localidades do interior, soube, entretanto, o Dr. Rolim Aires transformar seu lar em profícua escola, onde conjuntamente com os sentimentos e as virtudes domésticas, se prouve em cultivar o espírito de suas idolatradas filhas” (3). E’ o testemunho de Ezequiel Freire, numa linguagem alçada, típica da época. O que vale dizer que, espírito independente, o Dr. Rolim Aires pretendeu fazer a sua carreira sem protecionismos e,

(3) — Ezequiel Freire, obra citada, página 321.

pai amoroso e culto, removeu a dificuldade da formação integral das filhas, fazendo-se mestre: dificuldade impossível de vencer de outra maneira, no interior inculto e com as constantes mudanças da família. Esta, a origem fundamental do espírito eminentemente paulista e eminentemente católico de Da. Zalina.

Aos sete anos, em Faxina, cursou uma escola, por muito pouco tempo; quase nada: não tinha o que aprender.

Aos oito anos de idade, por apenas um ano teve, como professor de português, francês, italiano e inglês, o conhecido educador paulista Dr. João Kopke, nesse tempo Promotor, em Faxina, onde o pai da poetisa era Juiz de Direito. Foi, além do pai, o seu primeiro e último professor.

Esta recordação foi sempre grata à poetisa: Da. Zalina, mais tarde, dedicara versos ao antigo mestre, versos a que João Kopke responde, com outros, de sua autoria, publicados n' "O Estado de São Paulo". Além disto, a elaboração do "Livro das Crianças" foi estimulada pelo velho educador.

Aos treze anos, Zalina começou a fazer versos. Não teve, nunca, professor de Poética. Aprendeu-a, na leitura dos bons autores, principalmente românticos e parnasianos.

Dentre os estrangeiros, com predileção especial, leu, muitíssimo, Victor Hugo: todo o poeta, todo o romancista.

Dentre os nacionais, decorava, com aprazimento, Gonçalves Dias e Castro Alves.

Leu, muito, Olavo Bilac e Raimundo Correia, aos quais reverenciava. Leu, menos, Alberto de Oliveira.

Estimava a Vicente de Carvalho, de quem recebia, com dedicatórias carinhosas, todos os livros.

Palestrou, muitas vezes, com Ezequiel Freire, amigo pessoal de seu pai; com Carlos Magalhães de Azeredo, cuja mãe a poetisa conheceu e com quem conversou.

O respeitável escritor português João Luso, domiciliado no Rio, enviava-lhe, sempre, os seus livros.

Afinal: no tempo da sua atuação literária, a poetisa se fizera uma figura nacional, conhecida e admirada, em São Paulo, no Rio, no Brasil.

Recebeu, entre outras, em São Paulo, duas homenagens públicas: uma, do Dr. João Monteiro, que, numa sessão noturna, realizada na Faculdade de Direito, recitou um soneto sobre Anchieta, de autoria da poetisa, elogiando-lhe os dotes líricos; outra, de Sud Mennucci, no Centro do Professorado Paulista.

III — Sobre a obra

Publicou versos, em jornais e revistas de São Paulo, principalmente na “Revista do Ensino”.

Imprimiu apenas dos livros: “Coração” e “Livro das Crianças”.

“Coração”, editado no tempo de Itu, teve, logo, sua primeira e única edição esgotada, recebido que foi carinhosamente, pelos jornais de São Paulo e do Rio. A poetisa ainda hoje, espiritualmente, se conserva integralmente fiel a êste livro de môça.

O “Livro das Crianças”, constituído de poemas infantis, teve uma edição de vinte mil exemplares, custeada pelo Governo do Estado de São Paulo e distribuída, amplamente, entre as escolas públicas paulistas.

Inéditos, da poetisa, conhecemos, no arquivo do Jardim da Infância do Instituto de Educação Caetano de Campos, alguns poemas infantis.

Inéditos, ouvimos, recitados pela Exma. Sra. Da. Zaliniha, sobrinha e afilhada da poetisa, três poemas que a madrinha compôs para a afilhada, então menina, recitar: o primeiro versa a psicologia de uma menina travêssa; o segundo, a de uma criada finória; o terceiro, a de uma franguinha desajuizada, que acaba nos dentes de uma rapôsa. Todos temperados com o mais fino humor paulista, reveladores de um tal estágio de madurez, que na personalidade, que, por êles, não temos dúvida em situar a poetisa, no gênero, perfeitamente à altura de Olavo Bilac e Francisca Júlia.

Inéditos, possui, a poetisa, versos íntimos: formam um livro que não pretende editar: “Livro da Saudade”.

ABÍLIO VÍCTOR: NOTAS BIOBIBLIGRÁFICAS

Abílio Victor, o admirável poeta dialetal sul-paulista, descendia de família humilde. Seus pais, já falecidos, foram João Manuel Soares e Da. Ana Francisca da Silva, casal de que nasceram vários filhos.

Abílio Víctor viu a luz a 31 de agosto de 1889, em Itapetininga, Estado de São Paulo.

Há, como se vê, necessidade de esclarecer-lhe o sobrenome, que não recebeu do pai, nem da mãe. Por que Víctor?

A explicação o próprio Abílio me deu verbalmente: Seu pai, negociante varejista, extremamente conhecido, em Itapetininga, atendia (o poeta não disse a razão) por João Vitó. De Vitó, Abílio fêz Víctor: Vitô, Vitor, Víctor. Neste pormenor, já se revela o tino estético do poeta.

Seu nome real seria, pois, Abílio Soares, ou Abílio Soares Víctor. Usou sempre, porém, na vida e nas letras, o nome de Abílio Víctor, que assinava de acôrdo com a ortografia velha.

Passou tôda a vida, em sua cidade natal, que muito amava, fazendo, apenas, freqüentes mas rápidas excursões de ator e autor, pelas cidades circunvizinhas: Sorocaba, Tatuí, Guareí, Angatuba, Capão Bonito do Paranapanema, São Miguel Arcanjo e Sarapuí: todo um largo circuito, em tórno de um ponto: Itapetininga.

Suas duas profissões fundamentais foram: a tipografia e o rádio.

Em 1915, aos dezesseis anos, como tipógrafo, vemos o poeta trabalhando com José Barreiros, proprietário da "Tribuna do Povo", jornal itapetiningano.

Em 1930, redigia e compunha, n' "O Democrata", de Camilo Lélis, uma secção jocosocrítica, em dialeto, chamada "A Tarefa", assinada por Nhô Jérôme.

Em 1938, talvez na Tipografia Artística, de Itapetininga, do seu parente Sérgio Albuquerque, compõe um folheto: “Meu Bairro”.

Em 1939, na Tipografia Camilo Lélis, a primeira edição das “Fôlhas do Mato”.

Em 1940, a segunda edição, aumentada, desta mesma obra, na Gráfica Sorocabana, de Sorocaba, de propriedade ainda de Camilo Lélis.

Em 1950, na Tipografia Cruzeiro, de Itapetininga, o seu último livro, “Favas de Ingá”.

Era, principalmente, tipógrafo-compositor e apresenta, na vida esta face curiosa: pôs a serviço do ganha-pão, as duas artes: compôs, êle mesmo, tipogrâficamente, todos os seus folhetos de propaganda e seus livros de versos. Neste empenho, não se pode deixar de exaltar o auxílio decisivo que lhe deram Camilo Lélis e Sérgio Albuquerque.

Por volta de 1942, entrou para a PRD 9, Rádio Difusora de Itapetininga, onde sempre teve o apoio do seu proprietário: Bartolomeu Rossi. Nela permaneceu até à morte.

Era responsável por dois programas: um, diário, matinal, “Manhã de minha terra”, comercial e literário; outro, semanal, noturno, “Aventuras de Nhô Bentico” (nome de rádio, de Abílio Víctor): programa teatral, muitas vêzes em série.

Não me esqueço de uma delas: “Nhô Bentico e sua viagem à lua”, cuja representação durou várias semanas.

Abílio escrevia, semanalmente, as peças e as ensaiava, com o pequeno, mas excelente grupo dramático, que constituíra; nelas, representava, sempre, o papel principal: era autor, ensaiador e ator.

Dentre êstes atores, surgia, sempre, como fazendeiro astuto, irônico, Pedro José de Camargo. Abílio e Pedro — locutores, autores e atores foram, nesse tempo, sem favor nenhum os maiores homens de rádio de Itapetininga.

O teatro de Abílio Víctor, infelizmente totalmente inédito, lembra pela graça detonante, pela crítica profunda, pelo arguto conhecimento da vida e do espírito humano — o teatro

de Gil Vicente. Abílio é o nosso Mestre Gil: construiu o seu teatro, do nada.

Ainda aqui, numa unidade maravilhosa de preenchimento vocacional, uniu o ganha-pão e a arte: e a necessidade não danou a liberdade.

E além destas funções fundamentais, na tipografia e no rádio, exerceu outras, esporadicamente, por jôgo ou necessidade, ou as duas causas juntas, porque, em tudo, Abílio permanecia sempre artista, sempre poeta.

Foi reclamista. E o seu reclamo, em prosa ou verso, falado ou escrito, tinha um sal inconfundível, atingindo, sempre, aquilo que Claparède julga essencial, na psicologia do anúncio: despertava o interêsse, avivava a necessidade.

Teve teatro de títeres: o encanto da criançada, nas festas religiosas. Em Sarapuí, por exemplo, assisti à representação de uma de suas peças. E lembro-me, bem, de que, num dado momento, havia uma tourada, em que um negro, o Bastião toureiro, saía correndo, com o touro a rustir-lhe os fundilhos. E não se esqueça que os bonecos do João Minhoca eram feitos, totalmente, pelas próprias mãos de Abílio.

Foi artista de circo e de teatro: tinha prendas de cômico, ventríloquo e prestidigitador.

Mostrou-se cômico divertidíssimo, no Grupo Dramático João Libânio. Eu mesmo, ainda menino, por volta de 1923, o vi representar, em Itapetininga, numa comédia de fundo roceiro.

Em 1928, percorreu o Estado de São Paulo, num conjunto de atores, aplaudido sempre, por muitas platéias.

Seu falecimento ocorreu em Itapetininga, aos cinquenta e três anos, às sete horas da noite de 8 de outubro de 1952, à rua Bernardino de Campos, 544. Deixou espôsa e vários filhos.

Jaz, sepultado em jazigo modesto, no cemitério de Itapetininga, (parte de cima), não muito longe de meus outros diletos amigos: Ademar Archero e Benedito Sotero Dias e Almeida.

Itapetininga prestou-lhe três homenagens: uma, em vida; duas, na morte.

A primeira, admirável, doando, ao poeta, quando ainda forte, uma casa: a em que êle veio a falecer. Doação feita em sessão solene, realizada no Clube Venâncio Aires, quando Abílio recebeu, da mão do Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca, a chave de seu nôvo lar; humilde, mas seu.

A segunda, por ocasião de seu enterramento. O seu ataúde, que estivera em exposição na sede da Rádio PRD 9, daí partiu para o cemitério, acompanhado por tôdas as classes itapetininganas, (automóveis, caminhões, carroças, gente a pé), numa vasta curva, que, partindo da Rua Quintino Bocaiúva, se dirigia para os lados da Avenida Peixoto Gomide, ganhando a Rua Padre Albuquerque e a estrada de rodagem. Contam, os que assistiram ao sepultamento, que, quando o séquito estava entrando no cemitério, a massa popular não havia, ainda, terminado de deixar a frente da PRD 9, situada na Rua Quintino Bocaiúva. E diziam mais: que só houvera, em Itapetininga, dois enterramentos como aquêle: o de um Presidente do Estado: Fernando Prestes; e o de um Presidente da República: Júlio Prestes. Tanto era querida e popular, a figura de Abílio!

A terceira homenagem de Itapetininga, foi por intermédio do seu prefeito, Dr. Ciro Albuquerque, que, por lei de 14 de outubro de 1952, estabeleceu o seguinte, no seu "Artigo 1.º — A rua que tem início no término da Rua Lopes de Oliveira, passando ao lado do Estádio José Ravacci Filho e fazendo paralela à Rua Dr. Leôncio Pinheiro, até o seu término, nas proximidades do córrego Taboão, passa a denominar-se Rua Abílio Soares Victor (Nhô Bentico)". (Ver o jornal itapetiningano "Aparecida do Sul", número de 30-10-52, página 3).

Itapetininga deve-lhe, ainda, três homenagens:

Primeira: instituir, em agôsto, por volta do dia 31, a Semana Abílio Victor, como Tatuí fêz com Paulo Setúbal; Capivari, com Amadeu; Taubaté, com Monteiro Lobato.

Segunda: publicar-lhe a obra, na maior parte inédita, principalmente o teatro.

Terceira: amparar, moral e materialmente os seus filhos menores, que êle tanto amou: dando-lhes possibilidades para o estudo, oportunidade que o poeta não teve.

Sôbre êstes três pontos, escrevi, há tempos, ao Dr. Ciro Albuquerque. E, no segundo, me oferecia para preparar a edição, cuja renda poderia reverter em favor da família do poeta.

E repetimos: o Prefeito que arvorar a bandeira cultural Abílio Víctor, fará, à mocidade estudiosa de Itapetininga, um bem inestimável.

MANUEL CERQUEIRA LEITE